UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: EXPLORANDO AS BARREIRAS PERCEBIDAS PELAS MÃES EM FEIRA DE SANTANA

Valéria Barbosa da Silva[1]; Felipe Souza Dreger Nery[2]; Karine Emanuelle Peixoto de Souza[3]; Luciano Marques dos Santos[4]

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: valeriabarbosa78@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: fsdnery@uefs.br
3. Participante do projeto, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: kepsouza@uefs.br
4. Coordenador local do projeto, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: luciano.santos@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: aleitamento materno, barreiras.

INTRODUÇÃO

A alimentação é um dos principais fatores que influenciam no crescimento e no desenvolvimento da criança. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) recomendam o aleitamento materno exclusivo (AME) por seis meses e complementado até os dois anos ou mais. De acordo com o Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos, a amamentação tem como benefícios: evita mortes infantis, diarréia, infecção respiratória; diminui o risco de alergias, hipertensão, colesterol alto e diabetes; reduz a chance de obesidade; proporciona melhor nutrição; tem efeito positivo na inteligência da criança; melhora o desenvolvimento da cavidade bucal da criança; protege a mãe contra câncer de mama; evita nova gravidez; menores custos financeiros pois o leite materno é algo natural; e promove do vínculo afetivo entre mãe e filho. (ROCHA et al., 2018).

É importante salientar que quando se trata de aleitamento materno é necessário levar em conta vários fatores, entre eles os determinantes socioculturais tanto da mãe quanto da criança. Segundo Faleiros, Trezza e Carandina (2006) os fatores que mais influenciam no desmame precoce são: a situação socioeconômica materna; a baixa escolaridade da mãe está relacionado ao menor acesso ao serviço de saúde e consequentemente ao pré-natal; as condições de trabalho da mãe; a situação conjugal; e outros aspectos como moradia, cor da pele e condições sanitárias.

Diante dos fatos apresentados, torna-se cada vez mais relevante o combate ao desmame precoce, para isso é importante destacar o papel do enfermeiro no pré-natal e na atenção básica, priorizando a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno. A ação de maior relevância é a consulta de enfermagem, onde vai acontecer o acolhimento, a orientação materna e o incentivo ao AME, afinal o enfermeiro é quem vai estar na atenção direta ao binómio mãe-filho. Para isso é de fundamental importância a capacitação do profissional de saúde, para dar a devida assistência, orientar a correta amamentação e apoio no pós-parto, melhorando a qualidade de vida tanto da mãe quando da criança, diminuindo assim o desmame, o que reflete na diminuição da morbimortalidade infantil (MONTESCHIO; GAÍVA; MOREIRA, 2015).

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura visando explorar as barreiras vivenciadas pelas mães que influenciam o AME. Para a construção desta revisão foram seguidas as etapas sugeridas por Whittemore e Knalfl (2005), sendo elas: formulação da questão norteadora e objetivos da revisão integrativa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos (seleção da amostra); definição das informações a serem extraídas dos artigos selecionados; análise dos resultados; apresentação dos resultados e discussão.

Esta pesquisa foi realizada nos portais de pesquisa na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e na Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os critérios de inclusão empregados foram: artigos completos publicados entre 2016 e 2021, sem restrição de idioma. Foram utilizados os seguintes descritores: "Amamentação", "Fatores Socioeconômico", "Fatores sociodemográficos", "Fatores reprodutivos", e "Fatores Psicológicos". Foi usado o operador booleano "and" para a combinação dos descritores.

Diante dos seguintes critérios de exclusão: produção científica incompleta, artigos duplicados, e estudos que não abordavam em específico o tema pesquisado, dissertações, teses, relatos de experiência, revisões de literatura, realizou-se uma análise mais criteriosa de todas as publicações na íntegra, e de forma consensual, foram determinados os estudos a serem incluídos. A amostra final foi de nove produções científicas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Dos artigos listados, observou-se que 55,56% (n=5) tratam do AME, 44,44% (n=4) falam sobre os fatores socioeconômicos. As publicações foram mais frequentes nos anos de 2019 com (44,44%; n=4). Nenhuma das publicações abrangeu estudos realizados nas regiões Norte e Centro- Oeste do Brasil.

Moraes (2016) traz que para aumentar as chances de amamentação exclusiva é importante que mãe e filho permaneçam em alojamento conjunto nas primeiras 24 horas, e durante a internação hospitalar receba toda a orientação sobre a amamentação. A educação em saúde influencia positivamente para o aleitamento materno. O profissional de saúde irá atuar: orientando sobre osbenefícios do aleitamento materno, explicando a forma correta de amamentar, a posição correta do lactente, a pega correta e também como armazenar e conservar o leite. As informações podem evitar problemas como traumas mamilares, podendo ser precursores da interrupção do AME (SUÁREZ-COTELO et al., 2019).

Além da falta de conhecimento, um dos motivos para o desmame precoce é a inclusão de complemento lácteo nos primeiros dias de vida. Nesse caso, o desmame precoce caracteriza-se pela introdução de outros alimentos na dieta da criança que está em AME antes dos seis meses de idade (GUIMARÃES, 2017). O uso do composto pode ser reflexo da deficiência de informações a respeito do aleitamento materno, ou falta da intenção de amamentar após a alta hospitalar por parte da mãe. Segundo Moraes (2016) os bebês que tiveram acesso à formula láctea tiveram o AME interrompido duas vezes mais do que aqueles que não receberam. O uso do complemento pode estar associado a 'confusão de bicos', pois ele é ofertado geralmente em mamadeiras, o que causa o desinteresse do lactente pelo AM, o que também antecipa o desmame.

Em relação as barreiras socioeconômicas das mães que influenciam o AME, foram apontadas a gravidez na adolescência, seu nível de escolaridade, o local de residência (urbana ou rural), a ausência de trabalho materno e cor da pele. O conhecimento desses fatores é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas e também para as ações dos profissionais de saúde voltadas para os grupos vulneráveis com vistas à promoção da prática do aleitamento materno (ROCHA et al., 2019). Além disso, a ajuda no pós-parto é um dos fatores ambientais e emocionais que influencia a decisão da mulher em amamentar e aumenta sua autoestima, confiança e

comportamentos saudáveis (GUIMARÃES, 2017). Vale salientar que, o cansaço materno, dor ao amamentar e a experiencia de amamentação estimulam o desmame precoce (SUÁREZ-COTELO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia a importância de abordar o assunto do aleitamento materno, e com isso, aumentar a capacitação e atenção dos profissionais em relação ao tema, buscando apoiar e orientar a lactante no processo do aleitamento. Essa orientação deve acontecer desde o pré-natal e também no pós-parto, fase que surgem dúvidas que podem interferir na amamentação. A educação em saúde precisa ser realizada de forma individual, se atentando para dificuldade de cada mulher. Além disso, mostrou que amamentar, apesar de ser uma prática fisiológica, também sofre forte influência dos fatores socioeconômicos. Após a consciência desses fatores, o investimento nas políticas de saúde, tornam-se relevantes para promoção da amamentação.

REFERÊNCIAS

CASTRO, I. R. DE et al. Partejar de primíparas: reflexos na amamentação. **Revista Enfermagem UERJ**, v.27, p. e43354, 13 dez. 2019.

FERNANDES, R. C.; HÖFELMANN, D. A. Intenção de amamentar entre gestantes: associação com trabalho, fumo e experiência prévia de amamentação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1061–1072, mar. 2020.

GUIMARÃES, C. M. DE S. et al. Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, p. 109–115, fev. 2017.

MENDES, S. C. et al. Fatores relacionados com uma menor duração total do aleitamento materno. **Ciênc. Saúde Coletiva**, p. 1821–1829, 2019.

MORAES, B. A. et al. Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo em lactentescom até 30 dias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 17 jul. 2017.

PERES, J. F. et al. Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocioculturais relacionados com o aleitamento materno. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 141–151, 24 maio 2021.

ROCHA, G. P. et al. Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 3 set. 2018.

SILVA, M. M. DA et al. Fatores que implicam no processo do contato precoce e aleitamento materno nasala de parto. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 28, p. 529–536, 16 dez. 2020.

SUÁREZ-COTELO, M. DEL C. et al. Conhecimentos sobre aleitamento e a relação com a suaprevalência*. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, 28 fev. 2019.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Acessado em: 19 de jul de 2020. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x